

Outros colaboradores brindam o presente número da *Revista de Cultura Teológica*:

"A cidadania do Reino tem prioridade absoluta na vida e na ação dos cristãos no mundo". Assim afirma o Pe. Dr. Paulo Suess ao escrever sobre *Cidadania do Reino: missão inculturada na cidade*.

A Irmã Lélia Yole Sbrana contribui com um trabalho de exegese bíblica sobre o termo *Yatom*. A análise dos direitos do órfão e das injustiças praticadas contra ele, tanto nos tempos bíblicos quanto no nosso tempo, constitui o objeto do *Ensaio sobre a palavra "órfão"*.

O tema da *Solidariedade e Compromisso Social* é tratado pelo Pe. João Bosco dos Santos ao analisar a grave questão da solidariedade e da dignidade humana em chave antropológica e eclesiológica. Ao discorrer sobre o papel e o testemunho da Igreja hoje, o autor presta sua homenagem a Dom Paulo Evaristo, Cardeal e Pastor da Esperança.

Na seção *Recensão, Notas e comentários*, o Pe. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves oferece ao leitor uma excelente recensão da sua tese de láurea: *Liberationis Mysteriolum - o projeto sistemático da Teologia da Libertação analisado à luz da Regula Fidei*. A tese foi defendida na Universidade Gregoriana, Roma, em 1997. Na mesma seção, o leitor encontrará importante informação sobre o Arquivo Dom Duarte Leopoldo e Silva, da Arquidiocese de São Paulo, que está completando oitenta anos.

A seção das *Dissertações e Teses defendidas* conclui o presente número da *Revista de Cultura Teológica*.

Agradecimentos aos leitores de modo geral, aos professores e estudantes, aos pesquisadores e pastoralistas.

Conselho Editorial

O EVANGELHO DE LUCAS E O JUBILEU DO ANO 2000

Pe. Pedro Luis Stringhini

De acordo com o documento pontifício *Tertio Millennio Adveniente* e o da CNBB, *Rumo ao Terceiro Milênio*, em 1998, a preparação do Jubileu do Ano Dois Mil se faz com o auxílio do *Evangelho de Lucas*, de onde se extraem os textos da liturgia dominical para o Ano C do calendário litúrgico da Igreja Católica. Neste ano, ressaltam-se a pessoa trinitária do *Espírito Santo*, a virtude teologal da *Fé* e o sacramento do *Crisma*. A CNBB conclama também as comunidades a se empenharem na *Promoção dos Direitos Sociais*, tais como Educação, Saúde, Informação, Cultura, Meio Ambiente¹.

A obra lucana - o terceiro Evangelho e os Atos dos Apóstolos - enfatiza a ação do Espírito Santo na vida das pessoas que representam o

resto fiel de Israel (Evangelho da Infância: Lc 1-2), na vida de Jesus (Lc 4,14.18) e na vida da Igreja (Atos). A obra de Lucas é, portanto, a narrativa que ressalta a ação do Espírito Santo na vida de Jesus (Evangelho) e na vida da Igreja (Atos)². O Espírito Santo age na vida das pessoas, na vida da Igreja mas, sobretudo, age na História³.

O tempo do Antigo Testamento, o tempo de Jesus, o tempo da Igreja, são etapas na história da salvação que, na visão de Lucas e de toda a Escritura, coincide com a história humana. O Novo Testamento (Lucas e Paulo especialmente) entende a etapa final da história como a segunda e definitiva vinda de Cristo, isto é, a parusia, de modo que Powell, comentando Conzelmann, afirma: "o ponto de parti-

¹ EDUCAÇÃO: é o tema da Campanha da Fraternidade deste ano; SAÚDE: o Presidente da República proclamou 1997 "o ano da saúde", mas o que se verificou foram desvios das verbas da Saúde para fins outros como a reeleição; INFORMAÇÃO: nada mais indispensável neste ano eleitoral; CULTURA: possibilidade do povo expressar sua identidade, seus valores, como agente na construção da História, MEIO AMBIENTE: aspecto primordial no campo da Educação e Cultura, por meio do qual o povo deve se envolver para salvar a Vida em todas as suas dimensões.

² Cf. CNBB. **Hoje a Salvação entra nesta Casa**: O Evangelho de Lucas. Paulinas, S. Paulo 1997.

³ Cf. Lina BOFF. **Espírito Santo e Missão na Obra de Lucas**: Atos - para uma Teologia do Espírito. Paulinas, S. Paulo 1996.

da para entender a teologia de Lucas é seu conceito de história da salvação; e este conceito, por sua vez, é ocasionado pelo problema da parusia⁴. Segundo Conzelmann, a parusia é entendida por Lucas a partir do fato que sua chegada iminente não aconteceu, portanto, a partir do retardo (ou adiamento) desta chegada⁵. Faz sentido o fato de, já na parte final da narrativa evangélica, Lucas ressaltar as palavras de Jesus: “a vinda do Reino de Deus não é observável. Não se poderá dizer: *Ei-lo aqui! Ei-lo ali!, pois eis que o Reino de Deus está no meio de vós!*” (Lc 17,20-21).

I. O ESPÍRITO SANTO E A AÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA

No Evangelho da Infância é clara a insistência de Lucas de que o Espírito Santo age: 1. na vida das pessoas; 2. em situações limites de pobreza, esterilidade, velhice, onde humanamente as coisas parecem impossíveis de se dar; 3. mudando a história. É essa a mensagem do evangelho da Infância (Lc 1-2).

O anúncio do anjo Gabriel causa impacto a Zacarias: “tua súplica foi ouvida, Isabel vai te dar um filho ...

terás alegria, regozijo, muitos se alegrarão com seu nascimento ... ficará cheio do Espírito Santo ...” (1,14-15). A Maria, perplexa, o anjo Gabriel responde que “o Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra” (1,35). A mensagem que Zacarias e Maria recebem contém elementos comuns: 1. “não temas”; 2. é um anúncio de alegria: “terás alegria” (Zacarias) (1,14); “alegra-te, cheia de graça” (Maria) (1,28); 3. cada um dos meninos “será grande” (1,15.32), pois João Batista “caminhará com o espírito de Elias” (1,17) e Jesus “será chamado Filho do Altíssimo, o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai ... seu reinado não terá fim (1,32.33); 4. tudo se passa por obra do Espírito Santo.

Frutos do Espírito Santo são a alegria (sentimento interior que vem de Deus), o regozijo (expressão exterior da alegria) e o louvor (canto, oração, exclamação). A menção ao ES⁶ aparece em várias ocasiões. Ao encontrar-se com Maria, “Isabel ficou cheia do ES e com um grande grito exclamou: «Bendita és tu entre as mulheres» (1,41.42); Maria engrandece o Senhor por sua misericórdia (Magnificat: 1,46-55); Zacarias, “re-

pleto, do ES, profetizou: «Bendito seja o Senhor Deus de Israel» ...” (1,67ss). De Simeão, é dito que “o ES estava nele”, e que “fora-lhe revelado pelo ES” que veria o Cristo do Senhor; por isso, “movido pelo espírito ... bendisse a Deus, dizendo: «Agora, Soberano Senhor, podes despedir em paz o teu servo»” (2,25-29).

Na preparação do ministério de Jesus, há também referências ao ES. João Batista anuncia que Jesus batizará com o ES e o fogo (3,16). No momento do batismo, o ES desceu sobre Jesus (3,22); depois do batismo, “Jesus, pleno do ES, voltou do Jordão; era conduzido pelo Espírito através do deserto” (4,1). Inicia Jesus seu ministério quando, do deserto, “voltou para a Galiléia, impulsionado pelo ES” (4,14). Na sinagoga de Nazaré, proclama sua missão: “o Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres ...” (4,18).

Em dois textos comuns a Mateus e Lucas, somente Lucas faz menção ao ES. Jesus se alegra porque os pobres são evangelizados e acolhem a mensagem: *exultou de alegria sob a ação do ES e disse: “Eu te louvo ó Pai ...”* (Lc 10,21; Mt 11,25). Lucas afirma: *o Pai do céu dará o ES aos que o pedirem* (Lc 11,13). Em Mateus se diz que *o vosso Pai que está nos céus dará coisas boas* (Mt 7,11). Jesus faz uma advertência a respeito do pecado contra o ES (Lc 12,10) e exorta os seguidores a não se preocuparem com a defesa diante do tribunal, afirmando que *o ES ensinará o que deveis dizer* (12,12). Antes de se despedir o ressuscitado faz a pro-

messagem: *eis que eu vos enviarei o que meu Pai prometeu* (Lc 24,49), isto é, o Espírito Santo.

O livro dos Atos dos Apóstolos inicia retomando a ordem de Jesus, pelo ES (1,1), de permanecerem em Jerusalém onde, dizia, *sereis batizados com o ES* (1,5; 11,16), e *dele receberéis força* (1,8). Segundo Atos, no Antigo Testamento, o Espírito Santo falou pela boca de Davi (1,16; 4,25) e pela boca do profeta Isaías (28,25). No acontecimento de Pentecostes, *todos ficaram cheios do ES e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito os impelia que falassem* (2,4). Pedro, em seu discurso, afirma que Jesus *recebeu do Pai o ES e o derramou* (2,33; 10,38) e exorta que *seja cada um batizado ... e receberéis então o dom do ES* (2,38). O próprio Pedro, *repleto do ES*, contexta as autoridades do Sinédrio (4,8).

O livro dos Atos dos Apóstolos é repleto de referências ao Espírito Santo, fazendo notar que o ES agiu no Antigo Testamento, agiu na vida de Jesus, dos Apóstolos e continua agindo na vida da Igreja. O povo, incluindo os gentios, recebe o ES (4,31; 5,32; 10,44.45.47; 11,15; 15,8). Deve-se cuidar de não mentir ao ES (5,3). Os apóstolos usam a expressão “nós e o ES” (5,32; 15,28). Estêvão, um homem cheio de fé e do ES (6,5.10.55), contexta os que resistem ao ES (7,51). Os Samaritanos *receberam o ES* pela oração e imposição das mãos de Pedro e João (8,15.17.18.19). Após a conversão, Paulo recupera a vista e recebe o ES (9,17). O ES consola a Igreja (9,31). Na Igreja de

⁴ Mark Allan POWELL. *What are they saying about Luke?* Paulist Press, Mahwah 1989, p. 43: The Concerns of Luke's Community.

⁵ Hans CONZELMANN. *Il Centro del Tempo, La Teologia di Luca*. Piemme Theologica, Asti 1996. Título Original: *Die Mitte der Zeit. Studien zur Theologie des Lukas*, Tübingen 1954.

⁶ A expressão Espírito Santo aparecerá inúmeras vezes por meio da sigla ES.

Antioquia, Barnabé era um homem bom, cheio do ES e de fé (11,24); também Ágabo anuncia sob o ES (11,28). Os missionários são enviados pelo ES (13,2.4.9.52). O ES é o Espírito de Jesus (16,6.7). Paulo impõe as mãos aos que foram batizados e estes recebem o ES (19,2.6). O ES anuncia que Paulo sofrerá perseguições na volta a Jerusalém (20,22.23.28; 21,4.11).

II. SALVAÇÃO NA HISTÓRIA E HISTÓRIA DA SALVAÇÃO

É no Evangelho da Infância que ocorrem em abundância os termos “salvador” (σωτήρ), “salvação” (σωτηρία ou σωτηρίον), “libertação” (λύτρωσις). E a dimensão histórica da salvação escatológica, definitiva, vem determinada pela expressão “hoje”. Esta expressão denota que a história não é apenas uma sucessão de datas, isto é, uma cronologia (“tempo” no sentido do termo grego χρόνος), mas uma plenitude em cada tempo, em cada fase da história humana; e essa plenitude é causada pela ação de Deus no tempo que se chama καιρός, ou o tempo da ação salvífica de Deus na história.

Este aspecto de plenitude do tempo é que dá um sentido novo e especial aos vários dados de caráter histórico que Lucas coloca em seu evangelho. O primeiro dado histórico (Lc 1,5: “nos dias de Herodes, rei da Judéia, houve um sacerdote chamado Zacarias, da classe de Abia; sua mulher, descendente de Aarão,

chamava-se Isabel”), indica o tempo do Antigo Testamento, do judaísmo, que tinha sua vida religiosa centrada no Templo, a partir da classe sacerdotal. A afirmação de que “a Lei e os Profetas até João! Daí em diante, é anunciada a Boa Nova do Reino de Deus (Lc 16,16), sustenta o esquema de Conzelmann (*Die Mitte der Zeit*), isto é, da história da salvação em três fases: o tempo do Antigo Testamento (Lei e Profetas), o tempo de Jesus (*O Centro do Tempo*), e o tempo da Igreja (Atos dos Apóstolos).

Lucas faz presente essas três dimensões ao narrar, no evangelho da Infância, fatos da vida cotidiana que são paradigmas da ação salvífica de Deus na História. Assim, marcando a passagem do antigo para o novo Testamento, Maria canta: *exulta meu espírito em Deus meu salvador* (1,47); e Zacarias, na expressão de alegria e louvor pelo nascimento de João seu filho, profetiza: *bendito seja o Senhor Deus de Israel porque visitou seu povo e lhe trouxe libertação* (εποίησεν λύτρωσιν); *suscitou uma força de salvação* (κέρως σωτηρίας) *na casa de Davi ... salvação* (σωτηρία) *dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam ... para transmitir a seu povo o conhecimento da salvação* (γνώσιν σωτηρίας) (1,68.69.71.77).

O “hoje” da encarnação do Verbo é o tempo oportuno, favorável, de plenitude (καιρός), que une essas fa-

ses distintas, na expressão do canto do mensageiro de Deus: *eis que vos anuncio uma boa nova* (εὐαγγελίζομαι) *que é uma grande alegria, que será para todo o povo: nasceu-vos HOJE um Salvador, que é o Cristo-Senhor* (2,11). É o καιρός novo que acontece no velho e rotineiro χρόνος, naqueles dias em que *apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado ...* (2,1). Novo paralelo se dá quando o “velho” Simeão profetiza bendizendo o “novo” da história que Deus acaba de realizar: *meus olhos viram a salvação, que preparaste em face de todos os povos, luz para iluminar as nações e glória do teu povo, Israel* (2,29-32).

O cântico de Maria - e todo o evangelho da Infância - mostra que a salvação de Deus se dá na pequenez e na pobreza (“não havia lugar para eles”), a partir, no meio, e em favor dos pequenos; daí a profecia: *olhou para a humilhação de sua serva ... sua misericórdia perdura de geração em geração, ... a humildes exaltou* (2,48.50.52). Na sinagoga de Nazaré, ao proclamar sua missão (Lc 4,18-19), Jesus deixa claro que a salvação se realiza a partir da unção pelo espírito de Deus; que a salvação é escatológica mas acontece a partir da história e do pobre, em vista da rea-

lização da justiça (ano de graça do Senhor). A salvação escatológica forma uma unidade indivisível com a realização do Reino transformando a história.

O evangelho de Lucas mostra ainda outro aspecto da salvação, o da universalidade. A salvação, a partir do Cristo, se irradia de Israel para todas as nações. A mensagem da universalidade perpassa a toda a obra de Lucas (evangelho e Atos). Isso está claramente apresentado tanto no evangelho da Infância, quanto na preparação do ministério de Jesus, por João Batista, por volta do ano decimo quinto do império de Tibério César, quando Pôncio Pilatos era governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia ..., sendo Sumo Sacerdote Anás e Caifás (3,1-2). O batismo de João se faz em vista da mensagem de Isaías de que *toda a carne verá a salvação*⁷.

A obra de Lucas é uma pregação dirigida aos gentios e cristãos não judeus. A novidade do cristianismo é a de ser uma mensagem para todos os povos, universal. Lucas, sendo de cultura helenista e não judaica é, por excelência, o evangelista da boa nova para o mundo greco-romano e “para todas as nações” (24,47). O livro dos Atos inicia narrando como esta expansão se verificou a partir do dia de

⁷ Acerca desta citação, a nota da BJ afirma que “Lc prolonga mais do que Mt e Mc a citação de Isaías, para estendê-la até o anúncio de uma salvação universal”.

Pentecostes (At 2) e termina dizendo que aos gentios é enviada esta salvação de Deus (At 28,28). A salvação de Jesus, sendo universal, amplia o conceito de Povo de Deus⁸.

A referência à viúva de Sarepta e a Naaman purificado de sua lepra (Lc 4,25-27) são exemplos de não-israelitas agraciados no AT pela ação de Iahweh e seus profetas⁹. No decorrer de todo evangelho e Atos dos Apóstolos, Lucas vai dando referências de universalidade¹⁰. Deste modo, a nova Jerusalém e o reino messiânico têm como destinatário todas as nações (13,29-30). Jesus e a Igreja têm uma missão que vai até os confins da terra.

No decorrer do seu evangelho, Lucas mostra que Jesus passava pelas cidades anunciando (5,12) e que a *palavra se difunde sempre mais e*

acoriavam numerosas multidões para ouvi-lo e serem curadas de suas enfermidades (5,15). A difusão do ministério de Jesus, segundo Lucas, obedece a um critério geográfico, teologicamente chamado "o caminho". Este inicia-se na Galiléia (4,14 - 9,50), continua pela Samaria (9,51 - 17,10) e se conclui na Judéia, em Jerusalém (17,11 - 19,27). No caminho de Jesus apresentado no evangelho de Lucas, "os samaritanos ocupam um lugar especial"¹¹.

A referência aos samaritanos é a marca geográfica do universalismo de Lucas. O leproso samaritano de Lc 17,11-19 é figura de como os samaritanos, desprezados pelos judeus, são objeto da atenção e compaixão de Jesus, bem como do efeito que a boa notícia causa nesses estrangeiros. É o leproso samaritano curado

que volta para agradecer a Jesus, louvando a Deus porque reconhecera sua presença, seu poder e sua misericórdia através do gesto de Jesus¹².

O caráter universal se une ao caráter histórico do evangelho de Lucas, evidenciado pelas referências históricas encontradas em 2,1.42; 3,1.2; 3,23s; At 1,3; 2,1. Lucas mostra que a salvação acontece na história humana e obedece as etapas necessárias da história da humanidade. Tanto a vida de Jesus obedece a uma sequência cronológica e suas vicissitudes, como a expansão do cristianismo obedece a etapas, isto é, inicia-se em Israel e chega aos gentios.

O Evangelho de Lucas atinge o cerne da manifestação de Deus na história humana por meio da manifestação de Jesus Cristo como acontecimento salvífico. Com o acontecimento Jesus Cristo, dá-se o tempo de Deus, e o *kairós* da salvação se faz presente na história universal. A teologia de Lucas aponta antes de tudo para os efeitos soteriológicos realizados a partir da encarnação do verbo de Deus¹³.

Concluindo, a salvação de Jesus, que tem como ponto alto a encarnação do Filho de Deus, acontece na histó-

ria humana e a partir dos pequenos. Concretiza-se pela misericórdia de Deus que manda o Salvador e no ministério de Jesus, expressão da misericórdia do Pai. A salvação é objeto da evangelização, uma vez que a libertação dos pobres é o grande anúncio de salvação presente no evangelho de Lucas. Acontece HOJE, na experiência que faz cada pessoa, comunidade ou povo que se transforma pela mensagem do Reino, de modo que o próprio Cristo possa constatar: *hoje a salvação entrou nesta casa* (19,9).

III. OPÇÃO PELOS POBRES E EXCLUÍDOS

A predileção de Jesus pelos marginalizados ou excluídos confere ao seu ministério uma dimensão social e profética. Os pobres constituem grupos específicos; são os pequenos, os doentes, os pecadores, os estrangeiros, os leprosos, as mulheres¹⁴. Lucas, mais que os outros evangelistas, ressalta a condição social dos destinatários da boa notícia de Jesus. É chamado "o evangelista dos pobres"¹⁵.

¹² FITZMYER, J. *El Evangelio Según Lucas*, Vol. I, p. 320: "Por certo, não deixa de chamar atenção, tanto em Marcos como em Mateus, a ausência total dos samaritanos. Nesta questão, o aspecto verdadeiramente relevante é que o universalismo de Lucas está intimamente ligado a sua perspectiva geográfica. Dentro da própria narração evangélica pode-se perceber um certo processo expansivo da palavra de Deus".

¹³ *Ibidem*, Ed. Cristiandad, Madrid 1986, Vol. I, p. 323.

¹⁴ L. SABOURIN. *Il Vangelo di Luca, Introduzione e Commento*, 1989, p. 27.

¹⁵ Hans DEGENHARDT. *Evangelist der Armen.*

⁸ J. FITZMYER. *El Evangelio Según Lucas*, vol. I, pp. 313-314: "A salvação de Deus, ao entrar na história humana, cria um movimento dinâmico que alarga as velhas fronteiras do povo antes considerado como único destinatário da eleição divina. A mudança de ótica implica uma concepção nova do significado de Israel e uma reorganização de atitudes com respeito aos diferentes níveis da sociedade humana".

⁹ J. NAVONE. *Themes of St. Luke*. Roma 1970, p. 185.

¹⁰ *Idem*. *Themes of St. Luke*, pp. 185-187: "Lc 2,30.32 (cf. Is 42,6-7); 4,16-30; 7,2.9 (Luca acentua mais que Mateus os méritos do centurião); Lucas também omite sentenças que pudessem ofender aos Gentios (Mk 7,24-30 = Mt 15,21-28); 10,13-15 (Tiro e Sidônia não serão julgadas com tanta severidade); 24,47; At 1,8; 2,5-7; 28,28 ..."

¹¹ *Ibidem*, p. 186: "Os Samaritanos ocupam um lugar especial nos escritos de Lucas. Jesus repreende seus discípulos por desejarem punir os Samaritanos (9,52). Um samaritano é exemplo de bondade ... (10,13). Somente o leproso samaritano retorna para agradecer Jesus pelo milagre 17,18). Lucas omite a injunção de Jesus que proíbe (aos discípulos) entrarem nas cidades dos samaritanos (Mt 10,5). A Samaria é o lugar da transição entre a pregação apostólica aos Judeus e aos Gentios (At 1,8; 4,25; 9,31)".

A condição dos párias da sociedade do tempo de Jesus, isto é, dos excluídos, revela que a marginalização social existia ao lado da segregação religiosa a que eram submetidos os doentes e pecadores. Os leprosos, os mais autênticos representantes dos excluídos, eram declarados impuros segundo a lei levítica da pureza (Lv 13-14), portanto eram privados da convivência familiar e social e impedidos de participarem dos rituais no templo. Jesus se confrontou com a situação de exclusão em que viviam os pobres de seu tempo¹⁶.

A predileção de Jesus pelos pobres provém do coração do próprio Deus. Não é uma predileção somente em vista de uma transformação social e de uma mudança nas estruturas (tudo isso são meios e caminhos), mas faz parte de sua mística e de sua proveniência. O Messias, Senhor, filho do Deus de compaixão e misericórdia, é palavra de Deus encarnada

no seio da humanidade. Esta encarnação se dá no mais profundo da condição humana, atingindo a condição miserável do pecado humano enraizado nas estruturas sociais que marginalizam e desfiguram a criatura humana e a sociedade. Há uma grande mudança de ótica por parte de Jesus, há uma revelação salvífica, isto é, as classes constituídas de pecadores ou os párias da sociedade, estes são declarados prediletos de Deus¹⁷.

Jesus evangeliza, segundo Lucas, indo ao encontro dessas classes com respostas de esperança: Deus cumulou de bens os famintos (1,53); o Senhor visitou e libertou o seu povo (1,68); *felizes vós os pobres porque vosso é o Reino de Deus* (6,20). O messianismo de Jesus é a resposta de Deus e o cumprimento das promessas antigas por meio de “um Messias para os excluídos”. Jesus realizou tal expectativa pelo modo como “contestou e derrubou tradições, hábitos ar-

raigados e crenças inculcadas como expressão da vontade de Iahweh. E, o que seria fatal para ele, afrontou o *establishment*, que era o Templo-Estado”¹⁸.

O termo *πτωχός* (pobre) ocorre 34 vezes no NT (Mt 5, Mc 5, Lc 10, Jo 4, At 0). Nos Evangelhos Sinóticos, ocorre quando Jesus apela ao jovem rico: *vai vende o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu* (Mc 10,21; Mt 19,21; Lc 18,22). Marcos e Lucas fazem referência à generosidade da *pobre viúva* (Mc 12,42.43; Lc 21,3). Em Marcos, Mateus e João, no episódio da unção de Betânia, Jesus alerta a não se descuidar nunca dos pobres, pelo fato que *pobres sempre tereis convosco* (Mt 26.9.11; Mc 14.5.7; Jo 12.5.6.8). Em Mateus e Lucas (Fonte Q), a primeira bem-aventurança é dirigida aos pobres (Mt 5.3; Lc 6,20); e (igualmente em Mt e Lc), no episódio da embaixada de João Batista, Jesus fala de sua missão, elencando que *os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados* (Mt 11,5; Lc 7,22). Há seis ocasiões em que só Lucas utiliza o termo pobre: na sinagoga de Nazaré, quando Jesus atribui a si a missão de *evangelizar os pobres* (4,18); na parábola da esco-

lha dos convidados para um banquete (14,13); na parábola do banquete (14,21); na parábola de Lázaro (16,20.22); na referência ao propósito de Zaqueu de *dar a metade dos meus (seus) bens aos pobres* (19,8).

A opção pelos pobres, presente no programa do ministério de Jesus, proclamado publicamente na sinagoga de Nazaré (4,18), é também o princípio orientador da prática dos seguidores (discípulos) de Jesus: *quando deres uma festa, chama os pobres, estropiados, coxos, cegos. Feliz serás, então, porque não têm com que retribuir* (14,13.14). Três idéias aqui se interligam: 1. o reino é festa, banquete, núpcias (não é tempo de jejuar!); 2. os pobres são os primeiros e prediletos destinatários do reino: 3. feliz (*μακάριος*) quem entende, aceita e entra nesta lógica. Esses três aspectos se repetem logo em seguida: *“FELIZ aquele que tomar REFEIÇÃO no Reino de Deus!”* (14,15) ... *vai depressa pelas praças e pelas ruas da cidade, e introduz aqui os POBRES, os estropiados, os cegos e os coxos* (14,21).

A Igreja, ao proclamar a opção pelos pobres, está percebendo o caráter de bem-aventurança (felicidade, bênção) nela contido. Relutar, dentro ou fora da Igreja, hoje, num mundo de fome e injustiça, em assumir a

¹⁶ J. FITZMYER. *El Evangelio Según Lucas*, Vol. I, p. 322: “Provavelmente Lucas viveu uma situação semelhante na sociedade de seu tempo, e isto nos pode dar a chave das motivações que o levaram a apresentar Jesus precisamente como o fez em sua narração evangélica. A leitura de determinadas passagens do Evangelho segundo Lucas produz-nos uma sensação de que o autor mostra um interesse particular pelos mais oprimidos e marginalizados, pelos que constituem o desprezo da sociedade (cf. as reflexões de Moore, em *The Beginnings of Christianity*, vol. I, pp. 439-445).

¹⁷ J. NAVONE. *Themes of St. Luke*, p. 107: “Lucas acentua a predileção de Jesus pelos espiritualmente deserdados: pecadores, publicanos, Samaritanos. Todos esses párias, freqüentemente mais desprezados que os materialmente pobres, tornam-se privilegiados no plano misericordioso de Deus. Os pobres (espiritual e materialmente) movem Lucas a uma profunda compaixão; eles são os privilegiados da era messiânica. Porque eles sofrem, eles merecem um amor maior” (citando J. DUPONT. *Les Béatitudes*, 220).

¹⁸ Antônio Estevão ALLGAYER. *Jesus e os Excluídos do Rein.*, Vozes, Petrópolis 1994, p. 42.

opção pelos excluídos, é não perceber o aspecto soteriológico de tal opção, que é o caminho da felicidade individual e comunitária; é o caminho da libertação do egoísmo e da injustiça que destrói pobres e ricos. Opção pelos pobres, reintegração do excluído na comunidade, perdão das dívidas (interna e externa), divisão das riquezas e das terras não são revanche dos pobres contra os opressores, mas sim a festa da vida e banquete do reino.

A parábola de Lázaro e o rico (Lc 16,19-31) liga a opção pelos pobres (práxis terrena) à escatologia (vida eterna). Outro forte apelo à práxis de libertação está presente no episódio de Zaqueu: *Senhor, eis que eu dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, restituo-lhe o quádruplo* (19,8). O cântico de Maria (o Magnificat) proclama uma ação clara de Deus em favor dos marginalizados: *agiu com a força de seu braço, dispôs os homens de coração orgulhoso, depôs podero-*

so de seus tronos, e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos, e despediu ricos de mãos vazias (1,51-53). Este hino revela, incisivamente, a mística revolucionária de Maria e lança uma luz que projeta a teologia de Lucas a partir da opção de Deus pelos pobres.

IV. COMPAIXÃO E A MISERICÓRDIA

A opção pelos pobres é fruto da compaixão e misericórdia provindas do coração de Deus. Esses sentimentos, que revelam o Ser de Deus, são expressos nos evangelhos preponderantemente pelos verbos gregos ἐλεέω (ter misericórdia) e σπλαγγνίζομαι (ter compaixão)¹⁹. No Antigo Testamento, o verbo ἐλεέω e o substantivo ἔλεος correspondem ao termo hebraico חָסַד (hessed)²⁰ e algumas vezes a רַחַם (raham), do Texto Massorético. Também o verbo σπλαγγνίζομαι e o substantivo σπλάγγνα (coração, amor) correspondem a רַחֵם²¹ ou בֶּתֶן (bethen), que significa ventre,

barriga, abdômen, entranhas, seio. O termo σπλάγγνα corresponde sobretudo ao hebraico מֵ'יִם (me'im)²². O vocábulo ἔλεος e correlatos ocorrem muitas vezes na Septuaginta (tradução grega do AT), enquanto que σπλάγγνα e correlatos ocorrem poucas vezes. Isso significa que רַחַם do TM e correlatos tem outros correspondentes na LXX, que não σπλαγγνα. Outro vocábulo muito recorrente para designar misericórdia é οἰκτιρισμός (compaixão, misericórdia) e οἰκτιρῶ (ter compaixão, misericórdia, piedade). Compaixão e misericórdia são quase sinônimos²³.

No Evangelho de Lucas, a ocorrência dos dois termos (misericórdia e compaixão) se verifica no canto do Benedictus (1,78), que se refere ao *misericordioso coração do nosso Deus* (σπλάγγνα ἐλέους Θεοῦ ἡμῶν). A tradução mais literal (cf. nota da BJ) para a expressão seria *“entranhas de misericórdia do nos-*

so Deus”. O que na mentalidade bíblico-semita se exprime com *entranhas de misericórdia* (σπλάγγνα), corresponde no NT a *coração misericordioso* ou abstratamente ao conceito de compaixão, misericórdia, concretizado na prática do bom samaritano (Lc 10,25-37). Nesta parábola (Lc 10,25-37), Lucas narra que o samaritano, ao ver o que estava caído, “moveu-se de compaixão” (v. 33: ἐσπλαγγνίσθη); no final da parábola, Jesus dá a lição, referindo-se ao samaritano como “aquele que usou de misericórdia” (v. 37: ὁ ποιήσας τὸ ἔλεος). Mover-se de compaixão é um sentimento tão profundo que expressa uma reação diante de uma situação de sofrimento, ao ponto de se remexerem as entranhas (σπλαγγνίζομαι). É o sentimento do Pai (Deus), que se compadece ao acolher o filho que volta (Lc 15,20), é o sentimento de Jesus diante de uma pobre viúva que leva seu filho para ser sepultado (Lc 7,13)²⁴; é o senti-

¹⁹ Esses verbos foram de forma breve e clara estudados por Gilvander Moreira em seu livro *Compaixão e Misericórdia, uma Espiritualidade que Humaniza*, Paulinas, SP 1996.
²⁰ Luis Alonso SCHÖKEL. *Diccionario Bíblico Hebreo-Español*. Editorial Trotta, Madrid 1994: o termo חָסַד (hessed) possui dois significados: 1. Misericórdia (que sublinha o aspecto gratuito de benevolência) e 2. Lealdade (que ressalta o compromisso). O sentido de misericórdia possui duas aplicações: a) um uso nominal: Gn 32,11; Nm 14,19; Is 54,8; 63,7; Sl 5,8; 25,7; 90,14; b) um uso adjetival (bondoso, bom, misericordioso, compassivo, clemente, de bom coração): Nm 14,18; Sl 86,5; 1Re 20,31; Prov 11,17.
²¹ רַחֵם significa *ventre materno, seio, entranhas*. O verbo רַחֵם (SCHÖKEL) significa: Q: amar (Sl 18,2; 2Sm 22,2); Pi: compadecer-se, apiedar-se, enternecer-se, sentir compaixão (Nm 14,19; Is 54,8; 63,7).

²² LACHS, S.T., Hebrew Elements in the Gospels and Acts, *JQR* 71 (1980) 31-36. P. 34: “A palavra σπλάγγνα, «partes interiores» ... são a sede das emoções; e o que é particularmente significativo é que a palavra é usada em conexão tanto com o sentimento de piedade quanto de desespero, dificuldade ou raiva”. Na Nota 13, afirma: “Note que o nome σπλάγγνα no Novo Testamento está sempre no plural, como מֵ'יִם no Hebraico Bíblico. E na Nota 14: “Para מֵ'יִם como sede de misericórdia ou piedade, ver Is 63,15”.

²³ L. COENEN; E. BEYREUTHER, H. BIETENHARD. *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*. EDB (1980), p. 1013: “ἔλεος indica prevalentemente o sentimento de íntima comoção; οἰκτιρισμός sublinha a expressão da atitude de compaixão frente ao sofrimento do próximo; σπλάγγνα acentua a sede destes sentimentos, como as «vísceras» ou o «coração»”.

²⁴ Na tradição sinótica, o sentimento de compaixão de Jesus se faz presente diante da multidão faminta (1ª multiplicação dos pães) ou doente, “como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34 / Mt 9,36); por ocasião da 2ª multiplicação dos pães (Mc 8,2 / Mt 15,32: “já faz três dias que não tem o que comer); e diante do leproso (Mc 1,41).

mento do discípulo de Jesus, expresso na atitude do bom samaritano (Lc 10,33). O caminho da compaixão e da misericórdia se apresenta como atitude ética e evangélica dos cristãos face aos excluídos²⁵.

Do ponto de vista eclesiológico, baseando-se na parábola do bom samaritano, Jon Sobrino fala da Igreja Samaritana e do princípio-misericórdia²⁶. Ele afirma que a misericórdia não é apenas um sentimento que impele a Igreja a realizar boas obras (obras de misericórdia); é, sim, o princípio, motor e fundamento da prática da Igreja. Amor, solidariedade, opção pelos pobres entre os cristãos não são mera lei; são o princípio de amor que vem do coração de Deus e norteia a ação libertadora do cristão e da Igreja. Sobrino afirma que a esta ação do amor, assim estruturada, chamamos "misericórdia". O autor faz um para-

lelo, afirmando que assim como pela palavra (o Verbo Eterno) Deus criou o mundo, pela misericórdia Deus liberta o mundo²⁷.

A verdadeira compaixão interpela e impele o discípulo a um compromisso real com a justiça. Admitir o aspecto dialético e histórico do amor cristão e da compaixão é descobrir na ação de Deus, de Jesus Cristo e da Igreja o que "significa solidariedade histórica com a dor humana"²⁸. Esta dialética estabelece o início da inteligência do processo histórico de salvação: misericórdia de Deus Pai, ação misericordiosa, solidária e redentora de Cristo que culmina na ressurreição, fonte e sustento do anúncio da boa notícia do reino. A misericórdia de Deus que selou a antiga Aliança se completa na plenitude da nova Aliança²⁹.

²⁵ CNBB. *Eras Tu, Senhor?!, Campanha da Fraternidade 1995*: A Fraternidade e os excluídos, pp. 44-66. O documento refere-se a esta tríplice dimensão quando define (1) Jesus, como a misericórdia de Deus; (2) Deus, como o Pai das misericórdias; e à Igreja e pessoas de boa vontade faz o apelo (3) "Sejam Misericordiosos" (Lc 6,36; 10,30-37; Mt 5,7; Mt 25,31-46).

²⁶ J. SOBRINO. *El Principio Misericordia - bajar de la cruz a los pueblos crucificado*. *Presencia Teológica* 67, Editorial Sal Terrae, Espanha 1992.

²⁷ Idem. *El Principio Misericordia*, pp. 33-34.

²⁸ E. ESTEVEZ. Significado de ΣΙΛΑΓΧΝΙΣΟΜΑΙ en el NT, *EB* 48 (4, 1990) 511-541. Na p. 539: "A misericórdia, traduzida nas experiências históricas de libertação e salvação, traz consigo a perseguição e a morte". Na p. 541: "... o caminho misericordioso iniciado pelo Mestre é o único existente para a Igreja, que peregrina nas suas mesmas sendas".

²⁹ *Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento*, pp. 1021: "A Bíblia concebe a misericórdia a partir não de sentimentos, mas da fidelidade de Deus no quadro da Aliança: misericórdia é a atitude que responde à Aliança; mais exatamente, é a fidelidade que Deus garante e mantém historicamente em relação ao povo «aliado» Israel e que no evento de Cristo se alarga ao ponto de abraçar toda a humanidade".

V. ORAÇÃO E MÍSTICA

A oração de Jesus

O verbo grego προσεύχομαι (rezar, orar) é o mais utilizado para expressar a oração de Jesus. Das oitenta e seis vezes que este verbo ocorre no NT, Lucas utiliza dezenove vezes; nove das quais para designar Jesus em oração (3,21; 5,16; 6,12; 9,18.28.29; 11,1; 22,41.42)³⁰. Em outras passagens (10,21; 23,34.46), Lucas se refere à oração de Jesus utilizando outros verbos.

Lucas relata que, ao ser batizado, Jesus se encontrava em oração (3,21). No decurso de sua atividade junto ao povo, Jesus intercalava momentos em que "permanecia em lugares desertos e orava" (5,16). Antes da escolha dos doze, "ele foi à montanha para orar, e passou a noite em oração a Deus" (6,12). Momento importante, como o da declaração messiânica, "ele orava em particular com os discípulos, aos quais perguntou: «Quem dizem os homens que eu sou?»" (9,18). Em outro momento importante e místico de manifestação (transfiguração), "subiu à montanha para orar. Enquanto orava, o aspecto de seu rosto se alterou" (9,28.29). Jesus estava orando, de modo que, "ao terminar, um de seus discípulos pediu-lhe: Senhor, ensina-nos a orar" (11,1). No monte das

Oliveiras, quando estava para ser entregue à morte, Jesus, *dobrando os joelhos, orava*: "Pai, se queres afasta de mim este cálice! Contudo não a minha vontade, mas a tua seja feita!" ... e cheio de angústia orava com mais insistência... (22,41.44).

Situações bem opostas da vida de Jesus o levam à oração: na extrema alegria, pelo fato que os pequenos acolhem a boa nova do reino, Jesus *exultou de alegria* (εὐχαλλίωμαι) *sob a ação do ES*: "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra ... (10,21)". No momento de extremo sofrimento, o mais dramático de sua existência, a morte na cruz, sua oração exprime o maior dom, a capacidade de perdoar: "Pai, perdoai-lhes: não sabem o que fazem" (23,34); e dá um grande grito (φωνήσας φωνῆ μεγάλῃ) ao morrer: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito" (23,46).

Motivos da oração

Para que e em que circunstâncias rezar? A oração na vida de Jesus não são só pedidos. Reza-se também para agradecer, para sustentar a intimidade com o Pai (mística). Quanto às petições, a oração atinge o âmago da existência, de modo que só faz sentido pedir os bens essenciais e espiritu-

³⁰ Outras circunstâncias em que o verbo προσεύχομαι ocorre são: 1,10; 6,28; 11,2; 18,1.10.11; 20,47; 22,40.46

ais para a vida. O que primordialmente se deve pedir é o Espírito Santo, o dom maior que o Pai e Jesus nos concedem; o Espírito sabe do que necessitamos; por isso *o Pai do céu dará o ES aos que o pedirem* (11,13). *O Pai Nosso*, em Lucas, contém cinco pedidos fundamentais (Mateus elenca sete) dirigidos ao Pai: *santificado seja o teu Nome; venha o teu Reino; o pão nosso quotidiano dá-nos cada dia; perdoa-nos os nossos pecados ..., não nos deixes cair em tentação* (11,2-4).

Lucas destaca outros pedidos essenciais à vida: o pedido de saúde e libertação, na súplica do leproso (*Senhor, se queres podes purificar-me*: 5,12); e do pai do endemoninhado (*mestre, rogo-te que venha ver meu filho*: 9,38); pedir pelo sucesso na missão (*pedi ao Senhor da colheita que envie operários*: 10,2); a pobre viúva pede justiça contra seu adversário (18,1-8); pedir perdão e expressar humildade, como na oração do publicano (*Meu Deus, tem piedade de mim, pecador*: 18,13); *ficai orando para terdes a força de ... ficar de pé* (21,36); *a fim que tua fé não desfaleça* (22,32); *para não cairdes em tentação* (22,40.46). Os dez leprosos suplicam: *"Jesus, mestre, tem compaixão de nós"* (17,13); e o que foi curado, o samaritano, *voltou glorificando a Deus e ... agradecendo a Jesus* (17,15.16).

O conteúdo do evangelho da infância (Lc 1 e 2) é marcado por diversas orações: o "Magnificat" de Maria (1,46-55); o "Benedictus" de Zacarias (1,68-79); o louvor dos anjos no nascimento de Jesus (2,14); o "Nunc Dimittis" do velho Simeão (2,29-32).

Lucas exorta seus leitores a rezarem sem cessar para não sucumbirem durante o tempo da Igreja que se estende e para que possam se apresentar de modo íntegro diante do Filho do Homem. A exigência da oração, para Lucas, é constante, a fim de se evitar a perda final dos bens escatológicos, estar em constante vigilância para evitar a queda. Lucas refuta (11,11-13) que se reze para obter bens materiais. Deve-se somente pedir o Espírito Santo, a fim que o mesmo ilumine os momentos decisivos da história da salvação³¹.

A oração leva o orante a perscrutar o mistério do Reino de Deus que se realiza a partir dos pobres; nesse sentido é que os marginalizados, como o publicano (18,9-14), têm mais facilidade para acolher a novidade do anúncio de Jesus que os auto-suficientes e fechados em sua superioridade (cf. Lc 10,21; Mt 11,25). Ao entrar em contato com o evangelho de Lucas, há que se perceber com que insistência o evangelista insiste no tema do **louvor**: 1,64; 2,13.20.28.38; 5,25-26; 7,16; 13,13; 17,15; 17,18; 18,43; 19,37; 23,47; 24,53; At 2,47.

Conclui-se que evangelho de Lucas propõe um caminho de espiritualidade e mística com base na comunhão constante e íntima de Jesus com o Pai. A força da oração, que lhe permitiu atravessar os momentos graves e decisivos de profecia e martírio, é a mesma força que impulsiona o discípulo e abre caminhos novos que dão sentido à história.

O REINO DE DEUS NO EVANGELHO DE LUCAS

Os evangelhos sinóticos falam do mistério do Reino de Deus (Mc 4,11; Mt 13,11; Lc 8,10), que é dado a conhecer a quem tem ouvidos para ouvir. Jesus falou deste mistério por meio de parábolas, como a do semeador (Mc 4,1-9 par.) o grão de mostarda (Mc 4,30-32 par.) e tantas outras. Num ambiente agrícola e pastoril, a sabedoria da vida se extrai do contato com a natureza e o mundo do trabalho (plantio, pastoreio). Assim fez Jesus e assim ele ensinou: o Reino de Deus acontece misteriosamente, como a semente que germina e cresce sem que se perceba (Mc 4,26-29), na singularidade do cotidiano que invade o interior do coração das pessoas e norteia as relações humano-sociais.

Os evangelhos sinóticos dão ênfase acerca dos destinatários do Reino: as crianças e os pobres. Das crian-

ças, Jesus diz que *delas é o RD*³² (Mc 10,14 / Mt 19,14 / Lc 18,16). Atentar para os destinatários significa apontar as condições de pertença ao reino: tornar-se criança e solidarizar-se com os pobres. A primeira condição se expressa pela afirmação: *quem não receber o RD como a uma criança, não entrará nele* (Mc 10,15 / Mt 18,3 / Lc 18,17)³³. A segunda condição está contida em duas passagens sinóticas significativas: *como é difícil a quem tem riquezas entrar no RD* (Mc 10,23 / Mt 19,23 / Lc 18,24) e *é mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no RD* (Mc 10,25 / Mt 19,24 / Lc 18,25). Os sinóticos apontam também para o sentido escatológico do Reino, quando Jesus diz: *"Não beberei mais do fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus"* (Mc 14,25 / Mt 26,29 / Lc 22,(16).18).

Em Mateus, o sentido de Reino dos Céus acompanha o sentido dos discursos com que esse evangelho é organizado. Assim, do sermão da montanha, emerge o ensinamento acerca da justiça do Reino (Mt 5,10.19.20.21; 7,21). As parábolas de Mt 13, com a repetição da expressão *o reino dos céus é semelhante a ...*, ampliam o sentido sinótico do RD

³¹ F. BOVON. *Luc le Théologien*. Labor et Fides, 1978, pp. 421-422.

³² A sigla RD será utilizada em lugar da expressão Reino de Deus.

³³ Mt 18,3: *se não mudardes e e não vos tornardes como as crianças não entrareis...*

como mistério. Está presente em Mateus o sentido eclesiológico de que o Reino se faz presente na Igreja: *eu te darei as chaves do Reino dos Céus* (Mt 16,19); *Quem é o maior no Reino dos Céus?* (Mt 18,1). Finalmente, em Mateus, os critérios do reino são os critérios de julgamento, em vista do qual é necessário vigiar (Mt 25,1) e viver a solidariedade com os pobres. A quem assim procede o Senhor dirá: *recebei por herança o reino preparado para vós desde a fundação do mundo* (Mt 25,34).

Lucas, em seu evangelho, ressalta o sentido do reino como boa notícia a ser anunciada. Daí que se encontra em Lucas a expressão *anunciar a boa notícia do Reino*³⁴. Esta expressão ocorre para falar da missão de Jesus, que, logo no início do ministério declara: *devo anunciar a boa nova (evangelizar) do RD* (4,43); de modo que *andava por cidades e aldeias, pregando e anunciando* (*κηρύσσων καὶ εὐαγγελίζομενος*) *a Boa Nova do Reino de Deus* (8,1). Aos discípulos, Jesus exorta com as mesmas palavras: *quanto a ti, vai anunciar o RD* (9,60). Por essas e outras passagens (9,2.11.62; 10,9.11), Lucas ressalta que o Reino é a boa notícia

que Jesus proclamou e que compete aos discípulos (Igreja, comunidades) continuar proclamando.

Já no evangelho da infância, na anunciação, a vinda e missão de Jesus é projetada em função do Reino: *o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reino não terá fim* (1,33). De suma importância é a passagem lucana de 17,20-21, que culmina com a límpida declaração de Jesus: *... o RD está no meio de vós*. Encontra-se aqui o sentido de presença do Reino no “agora” da história - um cintilar de escatologia realizada, segundo o pensamento de Dodd³⁵ (autor de *As Parábolas do Reino*, 1935). Na opinião de Dodd, a presença do RD já se dá durante o ministério de Jesus, com sua vinda ao mundo (encarnação) e com os sinais que realiza. Lc 17,20-21 ocorre no evangelho de Lucas logo após a narração do sinal messiânico (narrado só por Lucas), da purificação dos dez leprosos. Diante da pergunta dos fariseus *sobre quando chegaria o Reino de Deus* (v. 20), é como se Jesus respondesse: *vocês não têm visto o que eu acabo de realizar?*

Dodd, em certo sentido, identificou o RD com a pessoa de Jesus. O reino vai-se fazendo presente por meio de sinais; por isso *não é observável, e não se poderá dizer: Ei-lo aqui, ei-lo ali* (17,20-21), nem se manifestou de forma final e imediata como pensavam (19,11). Desse modo, faz sentido o apelo a deixar “casa, mulher, irmãos, pais ou filhos por causa do RD” (18,28-30). A sabedoria é sondar os sinais dos tempos para perceber que o RD está presente (21,31). Também o sentido escatológico do reino Lucas faz emergir em seu evangelho (22,16.29.30; 23,42). Ainda restam, no evangelho de Lucas, três referências explícitas ao Reino: *não tenhais medo, pequenino rebanho, pois foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino* (12,32); *haverá choro e ranger de dentes quando virdes Abraão ... e os profetas no RD* (13,28); *feliz aquele que tomar refeição no RD* (14,15). Estas três citações vislumbram que o reino é a sabedoria de buscar o essencial. O reino é critério de escolha e de julgamento. A imagem do reino é a de um banquete onde os pobres são os convidados preferidos.

CONCLUSÃO

O Evangelho de Lucas apresenta Jesus como Senhor e Mestre, como libertador e salvador, filho de Deus. Veio ao mundo e cumpriu sua missão, agindo pela força do Espírito do Santo, que na linguagem de Isaías é o

espírito do Senhor. Jesus viveu a mística do Reino, integrando, em sua pessoa e em seu ministério, a união íntima com o Pai na oração e a preferência pelos pobres, marginalizados, pecadores, mulheres. Estes dois aspectos (oração e proximidade dos excluídos) estão presentes nas parábolas de Jesus e nos milagres narrados por Lucas. Rumo ao terceiro milênio, como está a Igreja toda trilhando nesses anos, faz-se mais uma vez atual a proclamação de Jesus de que o Reino se concretiza pela realização do ano da graça do Senhor, isto é, o ano da justiça social e como afirmou o Papa João Paulo II, o ano do perdão das dívidas internas e externas.

O Espírito Santo, num contínuo Pentecostes, renova sua presença, trazendo sabedoria e discernimento face às doutrinas de ordem religiosa, política, filosófica, econômica; ou mesmo face à falta de novas perspectivas e alternativas para o mundo de hoje e seus problemas de toda ordem. A opção pelos pobres e a compaixão diante da situação dos excluídos do mundo neo-liberal globalizado e globalizante são o único caminho para proporcionar a distribuição das riquezas, edificar uma sociedade justa, e salvar o *kosmos* de desastres ecológicos. A oração e a mística de Jesus são critérios para a humanidade, que tem-se mostrado, neste final de século, sedenta de espiritualidade. E que essa busca tenha como fonte o próprio Jesus, cuja espiritualidade é sóbria, constante e

³⁴ o verbo “evangelizar” (*εὐαγγελίζομαι*), isto é, anunciar a boa notícia, é da preferência de Lucas. Ocorre 54 vezes no NT (Lc 11, Mt 1, Mc 0, Jo 0). No terceiro Evangelho, ocorre em Lc 1,19; 2,10; 3,18; 4,18.43; 7,22; 8,1; 9,6; 16,16; 20,1.

³⁵ R. H. STEIN. *The Content of Jesus' Teaching: The Kingdom of God*. In: **The Method and Message of Jesus' Teaching**. Westminster John Knox Press, Louisville, Kentucky 1994, p. 69.

libertadora. A oração de Jesus lhe dava forças para sair de si e ir ao encontro da multidão abatida "como ovelhas sem pastor". Ele, Filho de Deus, movido pelo Espírito Santo, vive e proclama uma espiritualidade trinitária e comunitária, que questiona toda visão materialista, intimista, individualista ou elitista, da teologia, da Igreja e da organização social.

Assim, o testemunho de comunhão eclesial hoje, sob a ação do Espírito Santo, passa por um esforço de toda a Igreja de evangelizar com "novo ardor missionário". Retoma-se, com entusiasmo, a missão de Jesus e dos apóstolos de proclamar a boa nova do Reino de Deus, de reavivar e confirmar tantos cristãos cuja fé e prática eclesial ficaram adormecidas nessas últimas décadas de explosão demográfica urbana. É salutar o esforço da Igreja em se propor a evangelizar a cidade. Hoje, procura-se conhecer melhor a grande cidade, com seus problemas e seus temores, e sabe-se que a evangelização tem que chegar também pelos meios de comunicação. A criatividade na descoberta de "novos métodos" são carismas que o Espírito vai suscitando.

As pastorais, expressas por meios de planos diocesanos e suas prioridades, são a pérola que fazem com que evangelizar não seja uma idéia abstrata. Importa estar com o povo onde os problemas emergem, onde a vida é ameaçada. As Comunidades Eclesiais de Base, presença da Igreja nos re-

cantos sofridos da cidade, são sementes de esperança brotadas, sem que se perceba, em solo fecundado pela força da Palavra e Eucaristia. É lá que se valorizam os leigos e seus ministérios. É lá que a opção pelos pobres, a luta pela justiça e transformação da sociedade, se fazem presentes, por meio da luta por moradia e reforma agrária, da solidariedade aos desempregados, das iniciativas de defesa da Vida, como a pastoral da Criança e Adolescente, a prevenção da mortalidade infantil; luta antiaborto, pastoral com as prostituídas(os), solidariedade aos portadores do HIV ...

Urge terminar o velho milênio com avanços na preservação da natureza. A questão da ecologia tem que ser primordial, urgente, na Campanha da Fraternidade de 1998, cujo tema é Educação. Ano eleitoral, como o que está transcorrendo, é ano de maior exercício da cidadania. O exercício do voto não chega a ser expressão de democracia se nele o povo é enganado. É hora de lembrar que um dos sinais do reino que Jesus realizou foi o de restituir a vista, libertando da cegueira. O evangelho de Lucas é inspirador de toda esta ação na medida em que aponta para a vinda do Reino e renova a esperança dos Pobres.

Pe. Pedro Luiz Stringhini é Mestre em Teologia Bíblica pelo Instituto Bíblico de Roma e professor de Sagrada Escritura na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA

Pe. Dr. Benedicto Beni dos Santos

Ensina o Concílio Ecumênico Vaticano II que o mistério da Igreja se encontra na sua relação com a Trindade, na comunhão mística com o Ressuscitado, no fato de ser uma realidade divino-humana. O mistério da Igreja se encontra também na sua própria origem¹. Alguns escritos do Novo Testamento focalizam os diversos aspectos do caráter místico da origem da Igreja. Para Paulo, a Igreja é uma criação contínua do Espírito. É Ele que nela suscita os diversos carismas, que mostram que ela é uma comunidade viva e capaz de comunicar a vida. O Espírito é o agente da comunhão eclesial, semelhante àquela que existe no corpo humano: uma comunhão na unidade e na diversidade². Para o autor do quarto evangelho, a Igreja nasceu do dom do Espírito feito por Jesus na cruz. Lucas, por sua vez, procura explicar a origem e a vida da Igreja por referência ao Espírito Santo, o qual constitui o elo de continuidade entre o tempo de Jesus e o tempo da Igreja. Este elo aparece até mesmo na relação entre o evangelho e o livro dos Atos. Ambos formam uma única obra não só materialmente, mas também teologi-

camente. No evangelho, Lucas narra o tempo de Jesus. No livro dos Atos, o tempo da Igreja. As mesmas pessoas que estão presentes no tempo de Jesus - sua mãe, seus irmãos, as mulheres, sobretudo, os Doze - estão presentes também no tempo da Igreja, narrado nos Atos. Isto significa que a Igreja jamais pode ser separada da pessoa e do seguimento de Jesus. Jesus e sua Palavra são o ponto de referência para a Igreja em todos os tempos. Ainda mais, Lucas mostra, no livro dos Atos, que o Espírito Santo, de certo modo, realiza, na Igreja, as mesmas coisas que realizou em Jesus. Assim como o Espírito atuou no início da origem temporal de Jesus (Encarnação), ele atua também na origem da Igreja (Pentecostes). Na teologia de Lucas, a Igreja nasce em três tempos. O primeiro momento do nascimento da Igreja é a atividade evangelizadora de Jesus e dos apóstolos. Ao instituir os Doze (réplica do antigo Israel, o povo formado por doze tribos), ele estava formando o núcleo do novo Povo de Deus. A origem da Igreja está ligada também à experiência pascal. A fé na ressurreição confere à comunidade dos discípulos de

¹ 2Cor 13,13.

² Cf. LG n.1